



## MULHERES INFAMES EM NOTÍCIAS NO OESTE PARANAENSE

Tânia Regina Zimmermann<sup>1</sup>

Pode parecer estranho historiar a violência de mulheres, uma vez que a quantidade destas notícias no Oeste do Paraná corroboram para não priorizar tais estudos. Mas não seria ingênuo pensar que as estatísticas devam levar a um adequado tratamento qualitativo? Este é um dos aspectos observados nas pesquisas em que existem mulheres protagonistas em situação de violência.<sup>2</sup> Diante disso, é notória a pergunta: qual é a relevância do tema? Por que dar historicidade a estas vivências? Como justificativa, apoio-me em Scott que afirma que o resgate destas situações, com seus incontáveis pequenos detalhes, permite perceber como a diferença é estabelecida entre mulheres e homens, como ela é operada em grande parte dos escritos, como e de que maneira constitui sujeitos que veem e atuam no mundo.<sup>3</sup> Neste sentido, o estudo de jornais, revistas e noticiários de rádio em relação às violências contra e das mulheres nos ajuda a entender as diferentes operações que nivelam as formas de vermos o mundo e, na pior das hipóteses, contribuir para as desigualdades de gênero.

Embora haja um destaque para a atuação de mulheres consideradas violentas nas notícias, reforça-se que a violência é coisa de homens. Esta posse masculina se dá, em parte, em virtude de suas frustrações ou não, assim como a partir de condutas e práticas identificadas socialmente como masculinas e que podem estar relacionadas a experiências perigosas.<sup>4</sup> Ainda segundo Mihaely, esta violência cristaliza todos os não-ditos e, mesmo que haja culpa e vergonha por parte dos homens diante das posições que reproduzem as relações de vítima e opressor, ainda existe uma tendência em considerar as mulheres como vítimas e os homens como biologicamente determinados à prática da violência<sup>5</sup>.

Os atos representados nas notícias têm, em sua maioria, a defesa de si, de familiares e da sobrevivência em relação a sofrimentos, privações e violações. Convém ressaltar que, embora a

---

<sup>1</sup> Doutora em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina e Professora da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul.

<sup>2</sup> Ver obras de SOYKA, Michael. *Wenn Frauen Töten*. Stuttgart; New York : Schattauer. 2005; KUN, Cornelia. *Ende des Schreckens*. Tese em Filosofia. Oldenburg : Universität Oldenburg, 2005 e ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. *Mulheres que matam: universo imaginário do crime no feminino*. Rio de Janeiro : Relume Dumará, 2001.

<sup>3</sup> SCOTT, Joan. A Invisibilidade da Experiência. In: *Projeto História*. São Paulo: Edusc, n. 16, fev. de 1998, p. 302.

<sup>4</sup> OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A Construção Social da Masculinidade*. Belo Horizonte : UFMG, 2004. p. 248. Segundo o autor o aumento dos índices de criminalidade urbana está relacionado ao reforço nos caracteres viris. P. 271.

<sup>5</sup> MIHAELY, Gil. *Masculinidades: corpo, natureza e poder*. (Texto traduzido após palestra na UFSC) Florianópolis, 2006.



violência esteja relacionada à defesa de uma causa, ela não significa um direito a estes atos, mas, em determinados momentos, uma possível saída para opressões, sofrimentos e injustiças.

Com o cuidado para tatear as construções discursivas históricas, parto da visibilidade de algumas ações protagonizadas por mulheres postas nas notícias. Estes atos continuamente são de gente que dificilmente de outra forma apareceria com rostos, nomes e, às vezes, sobrenomes nas notícias cotidianas. Para Foucault, são vidas de algumas linhas ou de algumas páginas. Vidas breves, sistematicamente encontradas em notícias e, portanto, infames. Também o autor apresenta vidas com menos lições a serem meditadas do que vidas como daquelas histórias que os sábios recolhiam:

Pretendi também que estas personagens fossem elas mesmas obscuras; que nada as tivesse predisposto a uma qualquer notoriedade; que não tenham sido dotadas de nenhuma das grandezas como tal estabelecidas e reconhecidas – as do nascimento, da fortuna, da santidade, do heroísmo ou do gênio; que pertencessem aqueles milhões de existências que estão destinadas a não deixar rastro; [...] que, contudo, tenham sido atravessados por um certo ardor, que tenham sido animados por uma violência, uma energia, um excesso na malvadez [...]<sup>6</sup>

A vida das mulheres que matam ou que estão envolvidas em conflitos e crimes aparecem em poucas páginas, principalmente nas décadas de 1970 e 1980. Em contrapartida, estas personagens recebem lugar de destaque nos títulos, no tamanho das letras e nas imagens fotográficas. Por que se dedicou frases, fotos e, às vezes, páginas inteiras a essas mulheres infames? Embora a violência nas relações de gênero tenha incidido principalmente sobre as mulheres, seja ela física (estupros, espancamentos e mortes) ou através de formas de violência simbólica (incapacidade política e civil, restrições da sexualidade), elas também reagiam e violentavam com ou sem instrumentos. Para escrever histórias na quais as mulheres agiram e reagiram nas relações de violência, parto da construção de notícias sobre algumas resistências de mulheres nestes jogos de gênero. Estes jogos de gênero atravessam comportamentos, imagens, discursos e representações que conformam as relações sociais que há muito tempo vem estabelecendo hierarquias e desigualdades entre homens e mulheres. Neste jogo envolvem-se identificações, estratégias, práticas discursivas e corporais cuja compreensão dá sentido a fenômenos como a violência de gênero, ou seja, relações conflituosas entre mulheres, entre homens, entre mulheres e homens e não só entre heterossexuais, mas também entre homossexuais.

Concordo com Foucault ao afirmar que o encontro com o poder transformou os atos das pessoas infames em palavras e, posteriormente, objeto deste estudo. “Sem este choque, é

---

<sup>6</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa : Veja, 1992, p. 97.



indubitável que nenhuma palavra teria ficado para lembrar o seu fugidio trajecto.”<sup>7</sup> O mesmo poder que tentou controlar foi o poder que suscitou as palavras sobre estas vidas. E é justamente no confronto com o poder que elas encontram o único momento que alguma vez lhes foi concedido um breve clarão que as traz até nós.<sup>8</sup> As mulheres infames escolhidas e analisadas nesta pesquisa podem contribuir para dialogar com o limite, o intervalo da produção de recursos da história, da linguagem daquilo que nos tornamos ou, como Hall expôs, “[...] como nós temos sido representados e como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios.”<sup>9</sup>

Ações de mulheres como protagonistas em notícias no Oeste do Paraná aparecem com notoriedade, talvez pela novidade deste tipo de comportamento, apesar de que mulheres consideradas fatais não eram novidade na literatura. Nas notícias dos jornais e da rádio estes feitos continuam a chamar a atenção até os dias atuais, mas estas mulheres praticantes de violência são consideradas infames, porque não possuem as mesmas qualificações das mulheres fatais como a beleza, magia e aparecem em breves instantes.

### *1. Mulheres infames e a violência física e simbólica*

As ações de mulheres em situação de violência são destaques nas notícias ao longo dos anos pesquisados. Essas mulheres são descritas como possuidoras de vidas obscuras, infelizes, raivosas, ciumentas, malfeitoras e desafortunadas. Também são relatos quase sempre anedóticos, curiosos, grotescos e que fizeram parte de inúmeras histórias minúsculas. E em grande parte das notícias, tendeu-se a tratar muitos dos casos com uma linguagem risível e em tom de deboche. Convém observar que no período em que aparece esta linguagem de deboche são frequentes as matérias relacionadas ao feminismo, principalmente após a metade da década de 1970. Esta forma de linguagem também estava presente na imprensa de oposição à ditadura militar como, por exemplo, o Pasquim, que ridicularizava a ação de feministas no Brasil.<sup>10</sup>

Na notícia *A Mulher batia no marido com vara*, citada abaixo, temos um exemplo de zombaria. O jornal *O Paraná* registra um evento passado há anos e que fora comentado por um antigo político de Cascavel. O narrador descreve o texto como um teatro, seguido das seguintes cenas:

---

<sup>7</sup> Idem, p. 97.

<sup>8</sup> Idem, p. 99.

<sup>9</sup> HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 109.

<sup>10</sup> SOIHET, R. *Preconceitos nas Charges de O Pasquim: mulheres e a luta pelo controle do corpo*. In: Revista Espaço Acadêmico. n. 84, maio de 2008. Disponível em: [www.espacoacademico.com.br/084/84soihet.htm](http://www.espacoacademico.com.br/084/84soihet.htm). Captado em 10 de abril de 2009.



O marido após o trabalho freqüentava bares da cidade de Cascavel e bebia como um gambá e sua esposa teria inventado um jeito original de conduzi-lo para casa com uma vara, conduzia o seu hoi (sic) particular e amado. As cenas já eram tradicionais. A mulher vara no lombo do marido, levava não muito pacientemente o seu amado até a sua residência. Era um dia, depois do outro se formando realmente uma cena bem folclórica. Os viajantes já diziam pelos cantos do Oeste que Cascavel tinha um fato curioso: a mulher da vara. Após alguns anos o marido faleceu e não se sabe se foi das varadas ou das tremendas bebedeiras do guarda.<sup>11</sup>

Na cena a seguir, descreve-se a mulher ao lado do caixão abraçada ao cadáver e dizendo: “- Ai, ai, ai! Pra quê ocê morreu? Nós que nunca encrenquemo!” A notícia finda com “[...] isso aconteceu. Há testemunhas oculares, inclusive.” Este discurso perpassa a estratégia da produção do verdadeiro, pois o político conta, o jornal edita e há testemunhas oculares do fato.

O uso frequente de adjetivos e advérbios no texto acima, como *já*, *muito*, *se*, *realmente*, *bem* e *inclusive*, intensifica, neste discurso, a desqualificação das atitudes que supostamente invertem ações exclusivas de homens. Para Fairclough, a linguagem, como prática social, contribui para a dominação de umas pessoas sobre as outras. Desta forma, as práticas linguísticas estão imbricadas com o poder e a dominação. Para o autor, na redação de relatos acerca de acontecimentos, estão associados conhecimentos e posições específicas para cada tipo de sujeito social que participa desta prática.<sup>12</sup> Também a fala autorizada, do político no jornal, revela que o poder e a dominação estão organizados e institucionalizados e, deste modo, alguns têm acesso particular ao discurso e, como consequência, asseguram o poder de dizer algo, ou seja, quem pode falar, sobre o que, quando e como.<sup>13</sup>

A notícia sobre a mulher com a vara também participa de convenções que foram e são naturalizadas como, por exemplo, a exclusividade da violência como masculina. Ao atentar para as propriedades do texto, seja no vocabulário, nas metáforas, no aspecto gramatical ou no estilo, percebe-se que algumas convenções são mecanismos eficazes de produção do senso comum que podem manter e reproduzir padrões de comportamentos. Como parte das vivências interacionais masculinas, as idas frequentes para o bar após o expediente de trabalho não deveriam ser questionadas, principalmente pelas mulheres. Mesmo que bebessem *como um gambá*, a eles permitia-se continuar com as bebedeiras que poderiam ser impossíveis de evitar, pois a medicina reconhecia ao homem o caráter autoritário, altivo, menos amoroso e mais duro.<sup>14</sup> Quaisquer excessos deveriam ser perdoados, pois o homem era o provedor do lar, e a mulher era responsável

<sup>11</sup> *O Paraná*. Mulher batia no marido com vara. n. 520, 11 de fev de 1978, p. 11.

<sup>12</sup> FAIRCLOUGH, Norman. Discurso, mudança e hegemonia. In: PEDRO, E. M. (org.) *Análise Crítica de Discurso*. Lisboa. 1997, p. 80.

<sup>13</sup> VAN DIJK, T. *Análisis Crítico del Discurso*. Página da Web acessada em 24/04/04 In: [www. Meus documentos/documentos/ARTIGOS/cátedra/UNESCO/](http://www.Meusdocumentos/documentos/ARTIGOS/cátedra/UNESCO/) p.3.

<sup>14</sup> SOIHET, Rachel. Violência Simbólica: saberes masculinos e representações femininas. *Revista Estudos Feministas*. n. 1, 1997, p. 20.



pelo conforto em casa e pela felicidade do homem. A zombaria em torno das atitudes de mulheres nas notícias pretendia reforçar a fragilidade e uma suposta incapacidade de assumir os embates da vida e de assumir responsabilidades como os homens. Assim as notícias, ao trazerem atos de mulheres em situação de violência, tornavam o fato risível e, como resultado, tendia a emoldurar as identidades em padrões dados.

Na atuação de mulheres em situação de violência física, e posteriormente também adicionada à violência simbólica, a inferioridade é instaurada a partir das diferenças sexuais.

Deste modo, os discursos cômicos confirmam as relações de poder instituídas nas relações de gênero, visando reconstruir, nas notícias aqui apresentadas, o cotidiano perpassado pelos mitos de inferioridade e domesticidade feminina.

Os discursos cômicos, nos estudos de Bakhtin, demonstram as diferenças do riso festivo popular renascentista evidenciando a igualdade, uma vez que se ria dos próprios burladores, mas a sátira moderna burguesa transforma o riso em um fenômeno particular que perpassa o caráter moralizante e hierárquico através da ridicularização. No Renascimento, através do riso se exprime a verdade na sua totalidade, mas, a partir do século XVII, a atitude em relação ao riso pode ser caracterizada da seguinte maneira:

O riso não pode ser uma forma universal de concepção de mundo; ele pode referir-se apenas a certos fenômenos parciais e parcialmente típicos da vida social, a fenômenos de caráter negativo; o que é essencial e importante não pode ser cômico. [...] O domínio do cômico é restrito e específico (vícios dos indivíduos e da sociedade); [...] o riso é um divertimento ligeiro, ou uma espécie de castigo útil que a sociedade usa para os seres inferiores e corrompidos [...]<sup>15</sup>

Nos exemplos das notícias acima, fica evidente que algo aparentemente inofensivo como a zombaria e o deboche configuram-se como forma de violência, inoculando representações com vistas à conservação do “status quo”, através da ridicularização em relação aos papéis exercidos por mulheres e homens de determinados segmentos da sociedade e de espaços geográficos. Na notícia *Inquilina do Barulho* do jornal *Frenteira do Iguçu*, o subtítulo remete ao espaço geográfico e social da personagem principal: *De novo aparece a Vila Coqueiral no noticiário*. Conforme a transcrição do excerto textual, pode-se observar a imagem estereotipada da personagem.

Desta feita o problema é com D. P. T., que está separada do marido e vem causando problemas a sua vizinha, pois costuma chegar altas horas, acompanhada de “amiguinhos”, ocasião que promove insuportáveis algazarras e atenta contra o pudor. [...] D. não comparece com o Tutu dos alugueiros há dois anos e com o agravante de transformar o local em verdadeiro “rendez-vous”. Tai, agora vai entrar pela tubulação.<sup>16</sup>

<sup>15</sup> BAKHTIN, M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François de Rabelais*. São Paulo : Hucitec, 1987, p. 57-58.

<sup>16</sup> *Frenteira do Iguçu*. Inquilina do Barulho. n. 106, 22 de julho de 1972, p. 16.



A personagem acima é desqualificada por ser moradora de um bairro que é frequente nas notícias, fato este reforçado por outras características: é separada, não paga o aluguel, não é uma mulher bem comportada, pois chega altas horas e atenta contra o pudor. Nesta notícia, o pudor associa-se ao recato que consiste na boa reputação, ou seja, no respeito de si e dos outros através do sentimento de vergonha. Conforme Suarez:

Se a denúncia atrai o desprezo de outras pessoas é porque, de alguma forma e medida, as pessoas envolvidas não se fizeram respeitar ou não souberam cuidar de sua segurança. Daí conclui-se que quem deve zelar pela segurança das mulheres é cada uma das próprias mulheres [...] <sup>17</sup>

O uso de linguagem zombeteira é recorrente quando se refere a alguns atos de moradores de bairros periféricos das diferentes cidades analisadas. Conforme Tânia Montoro, as notícias sobre violência reafirmam duas concepções morais comuns. A primeira é de que “[...] a violência é praticada por sujeitos desviantes e nos espaços marginais da sociedade.” E a segunda idéia reafirma “[...] que cabe aos órgãos competentes do governo manter a sociedade limpa da violência.” <sup>18</sup> No Oeste do Paraná, o projeto de modernização, proposto em meados do século XX, produziu uma ordem na qual instituições como judiciário, polícia e família perpassavam um conjunto de normas e valores considerados burgueses. Nestes valores, figurava a defesa da honra e da moral, principalmente sobre as mulheres. A honra masculina relacionava-se a atitudes como valentia e coragem, e a feminina se caracterizava pela defesa de sua honra por um homem. Deste modo, a honra de um homem também estava relacionada com a pureza sexual e com o pudor de mulheres de seu convívio, como esposa, filha e mãe. Neste contexto, reivindicava-se o direito de reputação moral de si, da família e do grupo social ao qual pertence.

Mas o comportamento de mulheres pobres em situação de violência transgredia as margens esperadas pelos jornalistas. Os enfrentamentos cotidianos, ou seja, a luta pela sobrevivência diminuía a reclusão no lar, o culto ao amor romântico e a submissão. Suas vidas eram de intrigas, de amores, de lutas nas ruas e em suas casas, nas pequenas fábricas, de várias jornadas, de resistências e também de conformações com os valores dominantes. Mulheres estas que construía sonhos e sensibilidades para um casamento formal e um par harmônico, e nem sempre assumiam a maternidade e as tarefas do lar como funções suas.

Pelos exemplos das notícias, percebo que escrever outras ações, que não as dadas como socialmente aceitas de homens e de mulheres em situação de violência, talvez justificasse para os

<sup>17</sup> SUÁREZ, Mireya. O Discurso Policial Comentado. In: SUÁREZ, Mireya; BANDEIRA, Lourdes (orgs.) *Violência, Gênero e Crime do Distrito Federal*. Brasília : UnB, 1999, p. 102-103.

<sup>18</sup> MONTORO, Tânia. Notícias de Violência: uma leitura. In: SUÁREZ, Mireya; BANDEIRA, Lourdes (orgs.) *Violência, Gênero e Crime do Distrito Federal*. Brasília : UnB, 1999, p. 107.



jornalistas o uso de uma linguagem risível e que se traduz como uma forma de violência simbólica. Analisar esta situação revela que tornar o outro visível certamente “[...] quebra o silêncio sobre ele, desafia noções prevalecentes e abre novas possibilidades para todos.”<sup>19</sup> Escrever sobre a história destas mulheres é tornar histórico aquilo que fora escondido da própria história. Acrescenta-se que escrever sobre mulheres protagonistas em situações de violência é escavar mais nos recônditos do humano e no aparentemente ininteligível.

## 2. Bibliografia

- ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. *Mulheres que matam: universo imaginário do crime no feminino*. Rio de Janeiro : Relume Dumará, 2001.
- BHABHA, Homi. K. *O local da Cultura*. Belo Horizonte : Editora da UFMG, 2005.
- BAKHTIN, M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François de Rabelais*. São Paulo : Hucitec, 1987.
- CALDAS-COULTHARD, C. Linguagem e estudos de gênero In: FORTKAMP, M.B. M. et all. *Aspectos da Lingüística Aplicada*. Florianópolis : Insular, 2000, p. 273-287.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa : Veja, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres*. Tradução de Maria T. da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro : Edições Graal, 6.ed. 1984.
- FAIRCLOUGH, Norman. Discurso, mudança e hegemonia. In: PEDRO, E. M. (org.) *Análise Crítica de Discurso*. Lisboa. 1997, p. 77-103.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 103-131.
- KUN, Cornelia. *Ende des Schreckens*. Tese em Filosofia. Oldenburg : Universität Oldenburg, 2005.
- MACHADO, Lia Zanotta ; MAGALHÃES, Maria T. B de. Violências Conjugais: os espelhos e as amarcas. In: SUÁREZ, Mireya; BANDEIRA, Lourdes (orgs.) *Violência, Gênero e Crime do Distrito Federal*. Brasília : UnB, 1999.
- MIHAELY, Gil. *Masculinidades: corpo, natureza e poder*. (Texto traduzido após palestra na UFSC) Florianópolis, 2006.
- MONTORO, Tânia. Notícias de Violência: uma leitura. In: SUÁREZ, Mireya; BANDEIRA, Lourdes (orgs.) *Violência, Gênero e Crime do Distrito Federal*. Brasília : UnB, 1999.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A Construção Social da Masculinidade*. Belo Horizonte : UFMG, 2004.
- RAGO, Margareth. Pensar diferentemente a história, viver femininamente o presente. In: GUAZELLI, Cesar A.B. et all. (Org) *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.
- SOIHET, R. *Preconceitos nas Charges de O Pasquim: mulheres e a luta pelo controle do corpo*. In: Revista Espaço Acadêmico. n. 84, maio de 2008. Disponível em: [www.espacoacademico.com.br/084/84soihet.htm](http://www.espacoacademico.com.br/084/84soihet.htm). Captado em 10 de abril de 2009.
- SOIHET, Rachel. Violência Simbólica: saberes masculinos e representações femininas. *Revista Estudos Feministas*. n. 1, 1997, p. 7-29.
- SUÁREZ, Mireya. O Discurso Policial Comentado. In: SUÁREZ, Mireya; BANDEIRA, Lourdes (orgs.) *Violência, Gênero e Crime do Distrito Federal*. Brasília : UnB, 1999, p. 57-104.
- SCOTT, Joan. A Invisibilidade da Experiência. In: *Projeto História*. São Paulo: Edusc, n. 16, fev. de 1998, p. 97-325.

<sup>19</sup> SCOTT, Joan. A Invisibilidade da experiência. In: *Projeto História*. São Paulo: EDUC, n. 16, fev. de 1998, p. 304.



SOYKA, Michael. *Wenn Frauen Töten*. Stuttgart; New York : Schattauer. 2005.

VAN DIJK, T. *Analisis Critico del Discurso*. Página da Web acessada em 24/04/04 In: [www. Meus documentos/documentos/ARTIGOS/cátedra/UNESCO/](http://www.Meusdocumentos/documentos/ARTIGOS/cátedra/UNESCO/) .

WOLFF, Cristina. Feminismo e Configurações de Gênero na Guerrilha: perspectivas comparativas no Cone-Sul, 1968-1985. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, vol. 27, n. 54, jul.-dez., 2007. p. 19-38.